

## JOSÉ JOAQUIM DE SENA FREITAS, PE.

### *Vanda Anastácio*

José Joaquim de Sena Freitas nasceu em 21 de Julho de 1840, na cidade de Ponta Delgada, nos Açores. Em 1855, na sequência da mudança da família para o Continente, SF entrou para o Seminário de Santarém, onde realizou os estudos secundários, terminando os preparatórios no Seminário de Coimbra. Entre 1860 e 1865, SF viveu em Paris, ingressando em 1860 no Seminário de Saint-Lazare (Congregação dos Padres de São Vicente de Paula) onde foi ordenado presbítero em 1865. Nesse mesmo ano partiu em missão para o Brasil, onde permaneceu até 1873. Durante esse tempo, ensinou exegese bíblica, inglês, dogma e História eclesiástica no Seminário lazarista de Caraça, em Minas Gerais, e participou em missões no interior do Estado, dedicando-se ao trabalho de evangelização no Ceará e no Rio de Janeiro, entre 1870 e 1872.

Regressa a Portugal no ano seguinte, por motivos de doença, permanecendo dez anos no seu país natal. Nesta fase da sua vida, SF dedicar-se-á, uma vez mais, à actividade docente, no Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras (Norte de Portugal) e entrará em contacto com dois amigos de seu pai, entretanto falecido: António Feliciano de Castilho e Camilo Castelo Branco. Talvez porque acalentasse já o desejo de projectar-se como figura pública, SF sairá dos Lazaristas em 1873, um afastamento que durará até 1877. Durante este tempo, SF envolve-se numa acérrima polémica na imprensa sobre a peça anticlerical de António Enes, *Os Lazaristas* (1875), publica um romance religioso (*A Tenda de Mestre Lucas*, 1875), realiza conferências em associações católicas e dá à estampa a sua primeira colectânea de artigos e sermões, em dois volumes, *No Presbitério e no Templo*, 1877, onde inclui um número

considerável de pregações feitas no Brasil e de relatos de viagens realizadas no seu interior.

Readmitido nos Lazaristas em 1877, SF desenvolverá, nos anos que se seguirão, uma considerável actividade como dinamizador de grupos de leigos empenhados na intervenção católica: cria, em 1878, em Guimarães, o jornal *O Progresso Catholico*, do qual será Director durante quatro anos consecutivos e, em 1880, funda as Conferências de São Vicente de Paula, em Braga, Porto, Guimarães, Penafiel e Coimbra. No mesmo ano, deixa novamente o Colégio de Santa Quitéria, com uma licença de dois anos, invocando motivos de saúde.

Durante o período de licença, SF envolve-se na actividade política, aderindo à ideia da formação de um Partido Católico capaz de unir legitimistas, liberais e democratas, e participa no I Congresso Católico de Lisboa. Ainda em 1882, sabe-se que passou algum tempo na Irlanda, que assistiu, em Londres, às aulas de Huxley no South Kensington Museum e que participou no II Congresso Católico de Lisboa. Por motivos ainda hoje não completamente esclarecidos, findo o período de dois anos da licença, SF deixa os Lazaristas pela segunda vez. Em 1883 SF regressa ao Brasil, onde passará os onze anos seguintes. Logo nesse ano lecciona a disciplina de Hermenêutica sagrada no Seminário de São Paulo e, dois anos mais tarde, com o motivo da publicação da obra de Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno*, SF ataca publicamente as ideias anticlericais do escritor (*A Autopsia do Padre Eterno*, 1ª ed., Porto, 1884; São Paulo, 1885). Em 1886, graças ao apoio do Tenente Coronel António Leme da Fonseca e de alguns senhores do café, SF funda, em Jundiaí (Estado de São Paulo), o Colégio Sena Freitas. No mesmo ano, assistirá aos últimos momentos de José Bonifácio de Andrade e Silva, de quem havia sido opositor, proferindo a oração fúnebre durante as exéquias deste político (*Oração fúnebre na igreja Matriz de Santos em honra do Conselheiro José Bonifácio de Andrade e Silva*, 1886).

Entre 1889 e 1894, SF fixa residência no Rio de Janeiro. Aí realizará, ao longo dos anos 1892-1893, uma série de conferências contra o Positivismo, no Liceu d'Artes e Ofícios do Dr. Betencourt e assistirá à revolução contra Floriano Peixoto. Regressado a Portugal em 1894, SF sofrerá alguns dissabores nos seis anos que durou a sua última permanência no seu país.

Sabe-se que dirigiu um colégio na zona da Estefânia (Lisboa) e que participou, em 1895, na realização do Congresso Antoniano, também em Lis-

boa. Contudo, o Congresso deu origem a uma série de motins anti-clericais por toda a cidade, a que SF não escapou. Foi agredido na Rua da Palma e os seus agressores punidos, na sequência de um processo em tribunal que terminou em 1896. Em 1899 SF foi nomeado cónego da Sé de Lisboa.

Em 1910, solicitou a sua reintegração nos Lazaristas. A resposta foi sempre negativa, apesar de SF ter reiterado por três vezes o seu pedido. Ainda em 1910, depois da proclamação da República em Portugal, SF regressa ao Brasil, onde passará os últimos três anos da sua vida, primeiro em Petrópolis e, depois, no Rio de Janeiro, onde vem a falecer a 22 de Dezembro de 1913, no convento do Carmo, na Lapa.

Tendo vivido vinte dois anos da sua vida no Brasil, SF refere-se repetidamente a este país na sua obra, descrevendo-o como uma segunda pátria (*Conferência sobre o Brasil Contemporâneo*, 1897) e exprimindo, mesmo em escritos íntimos, uma profunda ligação afectiva à terra e às gentes brasileiras (*A Tenda de Mestre Lucas*, Carta a Camilo Castelo Branco, de 6 de Março de 1886, etc.). Mas, tanto em Portugal, como no Brasil, SF defenderá durante toda a vida os princípios do Catolicismo, e é nesse sentido que devemos entender, tanto a sua reivindicação do direito do clero a intervir na sociedade, como o seu empenho na luta pelo direito à existência de congregações religiosas actuantes pelo trabalho missionário, pela beneficência e pelo ensino. É na mesma linha de pensamento que deve ser enquadrada, não só a sua proposta de um novo tipo de educação sacerdotal que, aliando o estudo das ciências e das línguas ao da teologia, estivesse mais em sintonia com os desafios da actualidade mas, também, a sua defesa do “jornalismo católico”, visto como um meio de propagação das verdades do Cristianismo e de refutação pública dos ataques de que este pudesse ser alvo (“O Jornalismo Catholico”, in *Ao Vêio do Tempo*, 1908).

A pergunta: o que combate SF? Remete-nos necessariamente para o contexto da época em que viveu, marcada pelo impacto que a transformação de mentalidades ocorrida em finais do século XVIII havia causado no seio da ortodoxia católica. Ao longo de todo o século XIX, a Igreja tentará contrariar as ideias que haviam conduzido, na Europa, à criação de Estados laicos e à extinção das ordens religiosas, reagindo ao seu banimento da vida civil, quer pela proclamação de novos dogmas (Imaculada Conceição, 1854; Infallibilidade do Papa, 1870), quer pela publicação de cartas encíclicas condenatórias da laicização da sociedade (1885), do ensino laico (1886), do casamento civil

(1880), da autonomia da razão humana e da ciência (1864), da maçonaria (1869, 1882, 1884, 1892, 1894), do naturalismo (1884), do socialismo (1882, 1901), da soberania popular (1885), etc. SF dará voz pública a estas orientações doutrinárias do neo-Catolicismo, que associará, nos seus ataques, a outras correntes desviantes do Catolicismo (Protestantismo, Positivismo, Espiritismo, “Indiferentismo Católico”).

Envolvido na luta ideológica pela defesa destes pontos de vista, SF participou, tanto em Portugal, como no Brasil, em polémicas que tiveram repercussões na imprensa dos dois países. Tratou-se de disputas relativas não apenas a questões eclesiásticas (em 1875, contra a peça *Os Lazaristas* de António Enes; em 1902, contra Emídio Navarro com a obra *As ‘Novidades’ no Pelourinho*; em 1878-79, saindo em defesa dos jesuítas com a tradução da obra de Paul Féval, *Jesuítas!* e, em 1881, publicando o texto irónico intitulado *Representação aos poderes públicos do país contra os jesuítas*) como, também, a questões teológicas (foi o caso dos artigos que publicou, em 1879, contra o Padre Guilherme Dias, um ex-sacerdote católico que passara a ser ministro metodista e criticara a Pastoral do bispo do Porto ou, em 1910, contra Emílio Bossi, que havia publicado a obra *Cristo nunca existiu*) e, ainda, a propósito de obras literárias de escritores portugueses e brasileiros seus contemporâneos (em 1886, contra o *Anti-Cristo* de Gomes Leal; em 1887, contra *A Velhice do Padre Eterno* de Guerra Junqueiro; em 1887, contra o Padre José de Almeida e Silva, que o censurara a propósito do *Perfil de Camilo Castelo Branco* e, em 1888, contra o romance *A Carne* de Júlio Ribeiro).

Tendo-se dedicado intensamente à escrita, em cerca de 37 anos de actividade editorial SF publicou cerca de 50 títulos, entre os quais se contam 11 traduções de obras contemporâneas de defesa e de divulgação da Doutrina da Igreja. Um olhar pela sua obra jornalística é também revelador pois, para além de ter fundado um periódico (*O Progresso Catholico*), colaborou em cerca de outros 20, muitos deles de grande circulação, como o *Diário de Notícias*, o *Diário do Commercio* e o *Diário Mercantil*, do Rio de Janeiro, ou o *Diário de Notícias*, em Portugal.

### Bibliografia activa, com referências ao Brasil:

- No Presbitério e no Templo*, 1874, 2 vols.  
*A Tenda de Mestre Lucas*, 1875.  
*Escritos católicos de ontem*, 1877.  
*Observações críticas e Impressões de viagem*, 1888.  
*A situação actual do Catolicismo perante a República Brasileira*, 1895.  
*Conferência sobre o Brasil Contemporâneo*, 1898.  
*Lutas da Pena*, 1901.  
*A Palavra do Semeador*, 1905-1907, 2 vols.  
*Ao Veio do Tempo*, 1908.

### Bibliografia passiva:

- CARREIRO, Manuel. *Camilo e S. Freitas*. Ponta Delgada, 1966.  
 CLEMENTE, D. Manuel. “A visão de Sena Freitas”, in *História Religiosa de Portugal*, vol. 3. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 92-94;  
 COELHO, Jacinto do Prado. “Pe. José Joaquim de Sena Freitas”, in *Dicionário de Literatura Portuguesa*, 2ª ed. Porto: Figueirinhas, 1969, 2º vol., p. 353-354.  
 COSTA, Avelino de Jesus. “José Joaquim de Sena Freitas”, in *Dictionnaire d’Histoire et de Géographie Eclésiastiques*, vol. XVIII. Paris: Le Touzey et Ané, 1964-1967.  
 CUNHA, Alberto. “Biografia de Sena Freitas”, in *Diário Ilustrado*, nº 3329, Lisboa, 15 de Agosto, 1882.  
 DIAS, Urbano de Mendonça. *Literatos dos Açores*. Vila Franca do Campo, 1931.  
 FERREIRA, A. Augusto. *Sena Freitas, a Vida e Obra*. Coimbra, 1956.  
 FIGUEIREDO, Antero de. *O Padre Sena Freitas*. Lisboa, 1926.  
 LUZ, Denis da. “Padre Sena Freitas”, in *Lumen*, IV, 1940, p. 425-436; 551-563.  
 ————. “Fisionomia intelectual e moral de Sena Freitas”, in *Lumen*, V, 1941, p. 435-447.  
 ————. “Sena Freitas”, in *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX* (dir. J. Gaspar Simões), vol. I. Lisboa, 1947.  
 NEVES, Moreira das. “Guerra Junqueiro e o Padre Sena Freitas”, in *As Grandes Polémicas Portuguesas*, vol. II. Lisboa: Verbo, 1964-1967, p. 319-349.  
 SANTOS, Luís Aguiar. “Polémicas episódicas”, in *História Religiosa de Portugal*, vol. 3. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 464-465.